

poesia

A DESORDEM DAS COISAS NATURAIS

Bioque Mesito

ESTUÁRIO

poesia
uma insatisfação

pausa que pulsa por detrás
do mundo lâmina de alta precisão

contraventora de palavras
fuga da minha imaginação

destino que me alucina
rupestre inscrição

incêndio controlado
em minhas mãos

DO CALENDÁRIO NADA

está chovendo e não sei se ela vem ao meu abrigo
mesmo assim não viro as costas bebo uma cerveja

tudo é tão ontem que divido minhas memórias absurdas
não acredito mais em amores embalados ou idionotícias

desenho nuvens no chuveiro te dou um beijo frio e só
sei que o tempo conspira para um não existir sempre

as mãos dela sobre a penteadeira contemplando os seios
não me dão nenhuma certeza que voltará mais uma vez

o amor persiste em não passar de dois cigarros acesos
sobre a cama em caos fotos desgastadas de nós dois

ainda bem que a ventania lá fora passou totalmente
sei que há um deserto esperando por mim na janela

tudo bem aguardo amanhã o vendedor de jornais
espero que voltes com outros modelos de perdoar

CAUDALOSA SERPENTE

ranzinza pedra por quem tenho amor
ódio ou coisa igual teus pés desgastados
pelo tempo enlouquecem meus sentidos
víbora de feitiços um dia cairás no mar

antes quero caminhar na rua do giz
saborear o cachorro quente do souza
recordar os becos da casa das tulhas
encontrar nas esquinas sotero vital

muito tenho ainda que viver
dentro de tuas enraizadas moradas
o passado nunca passou

necessito cada vez menos de espelhos
entre tuas sagradas ancas meu corpo
depositado um dia no fundo do mar

CHAMINÉS

quando o inverno chega
e o que se ausenta
é a certeza da não partida

ou então é o amor
um cavalo de símbolos

caminhando nas pradarias
do desencontro breve
como ácido e morango

o cosmo como se pausasse
vibra incrivelmente pagão

Bioque Mesito

Nascido sob o sol de aquário em 1972. Colaborador em diversos jornais de São Luís e, em especial, do Suplemento Literário Guesa Errante (no qual integrou a equipe de redatores durante seis anos). Participante do cenário poético/literário da Ilha de São Luís, desde os anos de 1990, onde integrou o Grupo Curare, um grupo de amigos e de literatura maranhense com exposições, performances, prêmios e livros, em meados da década de 1990. Possui vários prêmios em concursos de poesia em âmbito local, regional e nacional. É autor dos livros de poesia *A inconstante órbita dos extremos* (Cone Sul, SP, 2001), *A anticópia dos placebos existenciais* (Edfune, MA, 2008) e *A desordem das coisas naturais* (Penalux, 2018).